

Editorial

O primeiro número do ano chega mais tarde do que o previsto. Aliás, enquanto nos demoramos em previsões, a vida inventa cursos e decursos...inclusive de prazo.

Mas inventa igualmente a chegada “em certo dia”, talvez mesmo o “dia certo” para uma revista que não se lamenta por ser minoritária, já que ostenta esse qualificativo, que tantos outros repudiarão: nossa memória e nossa história (seja da Psicologia ou do que com esta se conecta) não são das vossas, maiores!

Pois não há mais Programa ou grande plano de organização. Vive-se entre amigos, a escrever e reescrever, atender e insubordinar-se, constatar e inventar. Falamos de drogas, jurisdições, cidades quase-despóticas e/ou acessíveis, espetacularizações e pequenos gestos decisivos, literatura e metodologia, inações e intervenções, revoluções moleculares e pesadas molarizações. Biografamos (ou antibiografamos) os vivos, e muito vivos.

Seguimos sempre no meio, no entre, a recrear e recriar. Nem por isso neutros ou indiferentes ao que estamos fazendo de nós mesmos.

Que esse modo facultativo de existir agregue e contamine é mais que um desejo: ao clicar, o leitor encontrará seu corpo.

Obrigada por tudo e a todos.

Boa leitura.

Heliana de Barros Conde Rodrigues